



Iara Ornelas de Souza

**O LIVRO XII NA *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES:
O REVELAR DOS MOTORES IMÓVEIS**

**LAVRAS-MG
2019**

Iara Ornelas de Souza

**O LIVRO XII NA *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES:
O REVELAR DOS MOTORES IMOVEIS**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Filosofia, para obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Prof. Dr. André Chagas Ferreira de Souza
Orientador

**LAVRAS-MG
2019**

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos serão simples e diretos apesar da jornada dessa pesquisa ter sido longa. Dedico a minha mãe Louise Henriette Ciociola, que além de compartilhar do mesmo sonho, tornou possível meu projeto com apoio e amor incondicionais. Dedico também aos meus filhos, Victor Hugo, Théo e Luigi, razão da minha força e persistência.

Agradeço ao corpo docente do DCH, que é muito bem representado pelos membros dessa banca de defesa do meu trabalho.

Ainda se faz necessário citar amigos que tornaram minha jornada mais leve e que foram necessários para a conclusão da minha pesquisa, André Salatiel, Lisiane, Adriana, Silvania, amigos antigos, Otávio e João Pedro, amigos novos. Gostaria também de dedicar um agradecimento especial àqueles que estiveram comigo no momento mais difícil de minha vida, Luiz Fernando e Juliano, meu propósito não figuraria importância alguma sem vocês. O significado da nossa amizade extrapola qualquer definição ou significância que eu pretenda dar nestas breves palavras. Obrigada por tudo.

Finalizo com dois agradecimentos essenciais ao meu orientador André Chagas Ferreira de Souza, que me possibilitou de forma confortável a realização deste antigo projeto. Obrigada pelo carinho, dedicação e confiança no meu trabalho. Sei que lhe foi exigido grande esforço e paciência, mas valeu a pena concluí-lo. E ainda à Universidade Federal de Lavras pelo amparo durante esses anos de pesquisa.

RESUMO

Nesse trabalho, procura-se situar a *Teologia* de Aristóteles a partir do *Livro XII*, dentro da obra *Metafísica* elaborada por Aristóteles. Para tal, ocorrerá o estudo sobre os conceitos que cercam as substâncias. Será investigado o universo consistente em esferas concêntricas e ao seu findar, o ponto máximo da questão, os motores imóveis. Será notável a atenção dada a alguns problemas e contradições presentes nesta celebre obra, como por exemplo, o transparecer da dúvida entre o politeísmo e o monoteísmo que atingira Aristóteles. Há de se considerar também, as diversas teses sobre este livro em específico, como a de que o Livro XII não faz parte da *Metafísica*, mas sim que foi escrito como um esboço inicial da obra aqui tratada, em sua juventude. Serão tomados como base de partida os capítulos seguintes ao sexto da sessão 1.

Palavras chave: Metafísica, Substância, Ato e Teologia.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	05
2.	OS PRIMEIROS CAPÍTULOS DO <i>LIVRO XII DA METAFÍSICA</i> – PROBLEMAS, CONTRADIÇÕES E TESES INICIAIS	09
2.1	Breve introdução ao estudo do Livro XII da <i>Metafísica</i>	09
2.2	Qual seria o lugar de <i>Met. XII</i> ?	10
3.	AS SUBSTÂNCIAS SENSÍVEIS	13
3.1	Definições	13
4.	A DIVISÃO DAS SUBSTÂNCIAS SENSÍVEIS	15
5.	A SUBSTÂNCIA IMÓVEL	23
5.1	Um princípio comum às substâncias	23
5.2	Uma causa unificada	24
5.3	Substância eterna e imóvel	26
6.	A TEOLOGIA	29
6.1	A divindade como atribuição	30
7.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	37
	ANEXO	
	PLANO DE CURSO PARA O ENSINO MÉDIO	39

1. INTRODUÇÃO

O Livro XII da *Metafísica*¹ e as teses nele expressas sobre a investigação que cerca o conceito de substância serão o alvo de nosso estudo. Pretendemos percorrer todos os capítulos desse texto para apresentar uma análise significativa da *ousia* por diferentes perspectivas. A importância da substância e as modalidades em que elas se dividem receberão atenção adequada para apontar o princípio de cada uma delas. Tomemos as próprias palavras de Aristóteles sobre o tema:

Este estudo é sobre a substância: procuram-se os princípios e as causas das substâncias. De fato, se tudo existe como um certo todo, a substância é a parte principal; se tudo existe em sequência, também assim a substância é o primeiro, em seguida, o de certa qualidade, depois, o de certa quantidade [...] Também os antigos o testemunham, de fato: procuravam os princípios, os elementos e as causas da substância (Met. XII 1. 1069a 18).

A ciência que inicialmente foi pensada e concebida por Aristóteles como a ciência da natureza tomou corpo e ganhou forma através de seu tratado intitulado *Física*. Porém, já em sua juventude (conforme nosso pressuposto a respeito deste texto) observamos traços e esboços dessa ciência em *Met. XII*. Ao afirmar que o caminho para conhecer profundamente as substâncias deve ser iniciado a partir da realidade sensível para chegar ao seu objetivo final, o filósofo não afirma ainda existir a separação entre objetos da física e outros da metafísica (MANSION, 1958). A física seria futuramente destinada a pesquisar e apontar as realidades primeiras e, assim, os princípios primeiros das substâncias ditas como sensíveis:

[...] dado que, em todos os estudos nos quais há princípios (ou causas, ou elementos), sabemos (isto é, conhecemos cientificamente) quando reconhecemos estes últimos (pois julgamos compreender cada coisa quando reconhecemos suas causas primeiras e seus primeiros princípios, bem como seus elementos), evidentemente devemos, de início, tentar delimitar também o que concerne aos princípios da ciência da natureza (FÍSICA I 184a 10).

Temos então, duas possibilidades para a questão da ciência responsável pelos princípios das substâncias sensíveis. A opinião clássica, adotada inclusive pela tradição

¹ Doravante, os livros da *Metafísica* serão referidos pela sigla *Met.* seguido do respectivo Livro em algarismo romano e, quando pertinente, capítulos e paginação em algarismos arábicos.

medievalista, aponta que ao concluir sua *Física*, o filósofo percebe que a causa de todas as coisas não pode ser atribuída a uma única ciência. Assim, a principal distinção entre física e metafísica estaria no próprio objeto. Ao assumirmos tal posição, devemos também assumir que *Met. XII* é parte constituinte de todo tratado intitulado *Metafísica* e consequentemente um tratado de maturidade. Entretanto, temos ainda a segunda tese que nos garante a possibilidade de existir um princípio único entre todos os tipos de substância. Essa tese é apresentada por novos estudiosos como Helen S. Lang e Michael Frede. O respaldo dessa teoria estaria em apontar um tipo específico de substância como princípio unificador e não identificaria a divisão entre física e metafísica, já que *Met. XII* cumpre com sucesso os requisitos de uma investigação completa sobre todas as substâncias, mesmo sendo cronologicamente anterior aos grandes tratados do filósofo².

A possibilidade de existir tantas ciências quanto são os gêneros de inúmeras coisas determinam particularidades nas atuações independentes, podendo ou não existir interação entre as respectivas ciências responsáveis por elas. Entretanto é necessária a busca por uma ciência universal. Essa busca foi iniciada pelos primeiros filósofos e resultaria para Aristóteles não em uma ciência da natureza ou em uma ciência das ideias, como procurava Platão, mas sim naquela que conseguiria apontar a causa de todas as coisas através de um princípio único. Afirmar o domínio da propriedade de identificar e apontar aquilo que se caracteriza como causa primeira, na qual dependem todas as coisas, nos conduz ao reconhecimento da substância divina, isto é, a substância imóvel. Essa substância não caberia dentro do campo limitado da física. Se apontarmos uma ordem, temos a lógica que representa a introdução, seguida pela física (que abarca também a cosmologia, a psicologia e a biologia), a metafísica e por fim, a filosofia prática. Dentre todas, a metafísica se apresenta de forma distinta, denominada como superior em relação às demais por abarcar em si o estudo de todos os gêneros de substâncias, inclusive a mais elevada, a única que recebe o adjetivo de divina, a substância imóvel:

A comprovação de que tal ciência seja superior a todas as outras decorre do fato de que ela pode ser considerada divina, seja enquanto tem Deus como objeto, pois não há dúvida de que Deus, se existe, possui o conhecimento das causas primeiras. Obviamente haverá diferença entre o modo segundo o qual

² Opinião defendida por grandes estudiosos nas principais obras que se baseiam no nosso trabalho. De Jaeger à Enrico Berti.

Deus o possui e o modo segundo o qual o homem a pode possuir (BERTI, 2011).

Met. XII apresenta uma configuração própria. Seus dez capítulos estão divididos em duas partes. Os cinco iniciais abordam todo o contexto teórico que exprime conteúdo e relação das substâncias sensíveis. Os cinco finais apresentam o estudo complexo do terceiro gênero, as substâncias imóveis. *Met.* XII trata, principalmente, da causa e dos princípios do ente, associados a uma ciência epistemológica da Causa Primeira. Para que se esclareça o que é a substância, temos por definição, uma *ousiologia* que figura todas as formas de relação impostas os três tipos de substâncias. Esse estudo carrega a propriedade de apontar uma causa comum e através dela sua existência, ou seja, o porquê de um ente, de um fenômeno ou de uma circunstância. Esses aspectos são os fundamentais e necessários para se caracterizar uma ciência em sua mais verdadeira definição, gerando a condição específica para apontar, por meio deles, o que realmente cada coisa é.

Ainda apontaremos problemas e contradições que constituem o livro. Como a possibilidade do mesmo não fazer parte da obra *Metafísica*: “Não cita nenhum outro livro da *Metafísica*, não há nenhuma passagem que evoque os livros anteriores...Lambda parece ignorar completamente a existência de todos os outros livros da *Metafísica*. Portanto, parece ser uma obra independente” (BERTI, 2011).

Questionaremos sua posição dentro da obra e toda estrutura da organização dos livros, visto que se *Met.* XII recebe o tratamento de conclusão dessa obra, deveria estar localizado no final dela. Para constar nossa posição, trataremos esse texto com a convicção fortemente amparada de ser ele obra independente de todo o tratado da *Metafísica*, assim como outros estudiosos da atualidade.

Com objetivo de conseguir situar a ciência teológica de Aristóteles dentro de sua obra estudaremos os conceitos de substância, passando pelas formas do ato e potência, geração e corrupção, o movimento para então, investigaremos sua Teologia, trabalhada pela primeira vez de forma não alusiva em *Met.* XII. Passaremos pelo universo composto das esferas concêntricas para alcançar de maior destaque entre as substâncias, os motores imóveis. Será notável a atenção dada a alguns problemas e contradições presentes nesta celebre obra, como o transparecer da dúvida entre o politeísmo e o monoteísmo que atingira Aristóteles. Observaremos também, que está contida neste

livro boa parte das teses centrais da fase de juventude do filósofo quando ainda era aluno da Academia. Para tal entendimento, é necessária a leitura de textos como *Física* I-II e o Livro VII da *Metafísica* para auxílio comparativo a respeito da compreensão da visão aristotélica de Substância.

2. OS PRIMEIROS CAPÍTULOS DO LIVRO XII DA METAFÍSICA - PROBLEMAS, CONTRADIÇÕES E TESES INICIAIS.

2.2 Breve introdução ao estudo do Livro XII da *Metafísica*

Aristóteles apresenta na obra *Metafísica* parte importante da sua ousiologia: “*Peri tes ousias he teoria*”(1069 a18), isto é, a busca ou pesquisa das substâncias e, conseqüentemente, das causas e dos princípios dessas substâncias. Esse estudo vai revelar-se essencial para outras tantas teorias filosóficas, e o encontramos explanado em *Met. XII*. A importância deste livro é histórica, pois representa um ponto central nos principais estudos da antiguidade tardia e Idade Média exatamente por abarcar em si o único desenvolvimento concreto sobrevivente da doutrina do motor imóvel que caracteriza o ápice de tal obra. Entretanto, observamos que sua interpretação se restringia a identifica-lo como o conteúdo de uma disciplina. Essa concepção se transforma quando no século XX Werner Jaeger dá um novo fôlego para o livro ao apresentar em seus estudos o *Livro XII* como uma obra independente de toda restante da *Metafísica*. Assim, seria ele um tratado escrito ainda na juventude de Aristóteles como uma espécie de esboço das teses que comporiam futuramente sua *Metafísica*.

Apontaremos inicialmente alguns questionamentos a respeito da autenticidade de *Met. XII*. Em seguida sua posição dentro da obra ao considerar a cronologia e relevância dos demais livros. Ainda, sobre quais são os possíveis momentos em que o filósofo possa ter desenvolvido sua teologia. Sem desconsiderar o importante ponto que comprova, a meu ver, a autenticidade do livro como o fato de que Teofrasto (sucessor e aluno de Aristóteles) teceu um concreto comentário sobre os conceitos trabalhados em *Met. XII*. O caminho se fundamentará com análise direta desse texto, com respaldo de importantes comentadores, como Enrico Berti, Marco Zingano, Philippe Merlan, Helen S. Lang e Michael Frede³ sobre as novas possibilidades de se encarar os conceitos e teses presentes neste livro.

³ Ver Referências na bibliografia

2.2 Qual seria o lugar de *Met. XII*?

As questões levantadas em função de qual lugar deve ser ocupado *Met. XII* se dão em torno exatamente da inconsistência identificada entre os conteúdos e a localização dos livros dentro da obra pós-intitulada como *Metafísica*. Essa questão levanta, inclusive, a possibilidade de o livro citado não fazer parte dessa compilação e, de acordo com vários estudos, ela provavelmente não faz. Para defender esse ponto, iniciaremos com o seguinte argumento: se o consideramos constituinte do compêndio e nos atentarmos para a questão em relação à conformidade do seu conteúdo, ele não estaria devidamente inserido, mais que isso, sua grandiosidade representada pela forma em que foram trabalhadas e articuladas suas teses, então caberia a ele nada menos que a posição de destaque no findar da obra. Ao atentar para a representação filosófica deste livro, em específico ao ponto em que parece conter a grande parte de sua ontologia e teologia aristotélicas, temos, de certo modo, um consenso acerca da perspectiva que identifica o amparo de conceitos de *Met. XII* tratados nos demais livros, criando de alguma forma um vínculo entre eles. Não há como negar algum tipo de ligação. Porém, sem ao menos os referenciar ou citá-los, nosso livro nos aponta a realidade concreta da possibilidade de ser sim uma obra independente a toda organização de livros que compõe a *Metafísica* aristotélica.

Ao considerarmos toda a complexidade em certos pontos ou até mesmo a totalidade de alguns temas que o competem, não há motivos para não figurar como último livro da obra. Embora carregando em si sua teologia e seu estudo minimamente trabalhado acerca das substâncias, considerado por tantas vezes e em épocas distintas como vértice da *Metafísica*, ainda é seguido por mais dois outros livros. Há explicações que apontam para o equívoco da organização em relação não a *Met. XII*, mas sim aos seguintes, que provavelmente foram postos em lugares errados e deveriam aparecer como antecedentes, e não como sucessores. Entretanto, não é possível confirmar este argumento, já que não o constatamos em nenhuma das versões a que temos acesso da obra. Nem mesmo em versões mais antigas é possível identificar alguma forma de organização que traria o *Met. XII* como *Met. XIV*.

Outro ponto a ser tratado é que aqui encontramos o estudo da *ousia*, das substâncias em geral. Já se encontram em livros anteriores da própria *Metafísica* vários

aspectos que envolvem as substâncias. Em *Met.* VII por exemplo, explana a questão do “ser” de forma estreitamente ligada à substância: “tendo o ser muitos significados e sendo a substância o primeiro dos muitos significados do ser” encerramos a questão no próprio *Met.* VII, ou seja, “o que é o ser?”. O passo seguinte acontece mediante as análises que serão encontradas em *Met.* XII. Podemos identificar vários pontos do estudo das substâncias sensíveis nos livros do compilado de *Met.* VII, VII e IX. Assim, não se fazia necessário uma repetição em *Met.* XII. Veja, esse é só mais um indício da autonomia deste livro. Centralizada com vigor e relevância que são exigidas pela substância, o texto passa a indagar de forma emancipada a principal questão: “o que é realmente a substância?”. Evidente que é possível notar relações entre temas. Contudo, este é um fenômeno que não ocorre somente com os tratados que compõe a obra. É possível identificar pontos em comunhão com outros textos de Aristóteles, com a *Física*, com os *Analíticos* e até mesmo com a *Ética*. Ainda assim, a forma em que a substância será trabalhada nas linhas do nosso livro será única e evidenciará o aspecto que a faz atuar como novidade. Todas as características desse estudo apontam para a possibilidade fortíssima de ser a primeira vez que Aristóteles desenvolve essa *ousiologia*, constatando, então, ser *Met.* XII um escrito juvenil.

A posição de reconhecer esse tratado como obra de juventude do filósofo tem grande respaldo em pesquisadores da atualidade. Jaeger é um dos principais que considera *Met.* XII uma espécie de esboço de toda *Metafísica*. Escrito bem antes dos demais livros, a obra em questão realiza tudo o que Aristóteles propõe logo em seu início, um estudo das substâncias. Segundo Berti, Aristóteles desenvolveu durante seu período acadêmico sua concepção de realidade, resultando no desenvolvimento de obras como *De Caelo*, *De Generatione et corruptione*, *Física* e seus tratados de lógica. Alguns outros livros da *Metafísica* também são considerados como tratados da juventude, e seriam, eles além do XII o I, V e XIV (contendo respectivamente uma história da filosofia, um dicionário filosófico e uma crítica dura a doutrina dos princípios de Platão).

Met. XII por sua vez, apresenta a Teologia vinculada ao estudo das substâncias. Sua estrutura é composta por dez capítulos, dos quais os cinco primeiros tratam dos aspectos como causas e princípios das substâncias sensíveis. Os outros cinco são dedicados às substâncias suprassensíveis. Em suma, passamos por algumas dificuldades

introdutórias para que possamos analisar com certa profundidade e clareza os conceitos que envolvem *Met. XII* . Para tanto, começaremos sua exposição pela apresentação da substância.

3. AS SUBSTÂNCIAS SENSÍVEIS

3.1 Definições

O termo *ousia* é passivo entre os grandes interpretes de dois sentidos, *substância* ou *essência*. Por mais que pareçam sinônimos, seus sentidos podem ser apontados como distintos. Esclarece-se tal afirmação quando tomamos como verdadeira a relação que a essência exerce sob o objeto, ou seja, seria aquilo de algo, a capacidade incontestável de dar sentido por meio de uma classificação. Já a substância apresenta um caráter de superioridade. A substância vai para além do que a essência é capaz de descrever ou classificar, sendo autossuficiente, ou melhor, aquilo que realmente é. Segundo Philip Merlan em seu artigo *Os motores imóveis de Aristóteles*, esse termo pode ser interpretado como substância, esfera, divisão do ser, esfera considerada em seu todo ou parte específica da divisão do ser a que um objeto pertence. Merlan o identifica também, como objeto particular, individual e independente. Concluindo a afirmação de o termo significar “coisa” ou um “tipo de coisa” e, no limite, “entidade” (MERLAN).

Embora diferentes, esses dois termos carregam em si uma ação complementar, tornando-os fundamentais para o entendimento de como ocorre a separação dos tipos de substâncias. Cabe identificar uma pequena diferença, mas passível de confusão, entre a classificação do nosso filósofo em comparação com a de seu mestre Platão. A principal distinção pode ser entendida ao limitarmos a substância àquilo que é dito como princípio, ao passo que a essência seria exclusiva para o domínio de outras coisas. Para concluir, “[...] além de serem universais, eles se dizem também de muitos sentidos, isto é, são intrinsecamente múltiplos, portanto, não podem ser substância: em suma, não há um ente por essência e um por essência.” (BERTI, 2011).

Podemos acompanhar de forma mais clara essa tese quando chegarmos ao motor imóvel e identificarmos seus atributos, como a inteligência, apresentados em essência.

O problema de tal classificação acerca da *ousia* é que nos remete a uma tentativa de derrubar o argumento platônico, onde só é classificada como substância o que representa o princípio e como essência, o que pode ser essência das outras coisas. Há um relevante vínculo que persiste em se entrelaçar entre estes dois termos, fundamental para traçar a fronteira entre o domínio das entidades sublunares (sensíveis e corruptíveis) e o das entidades

separadas, necessárias e eternas. Ainda, pode ser interpretada, em algumas circunstâncias, como “realidade” como domínio de entidades substanciais cuja subsistência e inteligibilidade seria garantida por suas respectivas essências (BERTI, 2011).

Definindo a diferença entre substância (esfera ou divisão do ser, completa ou a parte dessa divisão, lugar ao qual o objeto pertence, a própria “coisa” ou ainda, “um tipo de coisa) e a essência, passemos ao processo que possibilita o conhecimento verdadeiro que se possa ter das substâncias, “tendo o ser muitos significados e a substância sendo o primeiro de muitos significados do ser, não é mais necessário continuar perguntando: o que é o ser, mas é preciso, pelo contrário, perguntar o que é a substância?” (*Met XII* 1028 b 2-4). Assim, como ordem de início dessa investigação, é fundamental que sejamos capazes de apontar as causas e os princípios de cada substância. Observamos que como ponto de partida para tal investigação, devemos nos basear nos estudos que o filósofo desenvolveu no campo da ciência da natureza. No Livro I da sua *Física*, Aristóteles começa a enfrentar o problema dos princípios através de um método analítico, constatando que tais princípios alcançados serão elementos, ou seja, “as últimas partes constitutivas das quais resulta composto o dado da experiência ou, respectivamente, da linguagem” (BERTI, 2011).

A física é apontada como uma ciência independente e passa a ser possível quando Aristóteles devolve à natureza o seu caráter de realidade. Porém, a realidade mesmo sendo constituinte da natureza, não se limita a ela, ou seja, detectamos uma certa incapacidade da natureza em comportar toda a realidade, sendo possível sustentar apenas parte dela. Essas características atribuídas à natureza fazem dela algo diferente dos conceitos concebidos pelos pré-socráticos, exatamente por não apresentar em si toda a realidade. Não é possível encontrar todos os princípios apenas na ciência da natureza. Ao identificar a existência de outro tipo de substância capaz de carregar o princípio de toda a realidade, o filósofo redefine qual é o lugar da física, então determinada filosofia segunda, cedendo seu posto a *Metafísica*, a ciência que alcançara o princípio dos princípios e que passará a ocupar o posto de “filosofia primeira”, responsável por toda a realidade. Traçaremos o caminho que Aristóteles fez para chegar a esse outro tipo de substância.

4. A DIVISÃO DAS SUBSTÂNCIAS SENSÍVEIS

A substância sensível tem como principal característica a vulnerabilidade quanto à corrupção. Esse gênero de substância está sujeita às várias formas de mutações. O processo de conhecimento de tal gênero deve começar no mundo que só pode se expressar mediante a experiência, no mundo sensível, lugar de geração dessas substâncias. De maneira gradual elas vão se construindo e se modificando em meio a um constante devir presente no mundo em forma das mutações locais, qualitativas, quantitativas e substanciais. Por estes aspectos, chegamos ao ponto em que temos a explicação para a possibilidade de apontamento de ser a física ser a ciência responsável por estudar essas experiências. As experiências são mediadas pelo que constitui a natureza, limitando-se apenas em apontar os princípios e causas das substâncias móveis. Em suma, se restringe àquilo que nos é apresentado de forma direta e passível de compreensão imediata.

A experiência que Aristóteles examina em conformidade com o objeto da física é o movimento, melhor dizendo, a mutação em todas as suas formas (mutação de qualidade, de quantidade, de lugar, de substância. Ele observa um primeiro lugar ao qual a mutação pode ser possível (BERTI, 2011).

Logo na primeira parte de *Met.* XII (capítulos 1 ao 5) Aristóteles aponta a existência de três tipos de substâncias, na verdade, três gêneros de substâncias “Há três tipos de substâncias” (Metafísica XII capítulo 1):

1. Sensível perecível;
2. Sensível eterna;
3. Imóvel;

São três as essências: uma é sensível – desta, uma é eterna, outra, perecível, a qual todos admitem, por exemplo, as plantas e os animais – cujos elementos é necessário apreender se são um só ou muitos. Outra essência é não-suscetível de movimento, e esta, alguns dizem que existe separadamente, uns, dividindo-a em duas, outros, considerando as Formas e as coisas matemáticas como uma única natureza, outros, enfim, considerando apenas as coisas matemáticas. Aquelas competem à ciência da natureza (pois se dão com o movimento), mas esta compete a outra, dado que nenhum princípio lhes é comum (Met XII 1069a 30).

A perecível é reconhecida por todos os homens e inclui, por exemplo, as plantas e os animais. A imóvel pode ser capaz de existir separadamente, e alguns a dividem em duas, outros identificam as Formas e os objetos da matemática, e outros postulam, desses dois, apenas os objetos matemáticos. “Os dois primeiros tipos de substância são assunto da física (pois implicam movimento); mas o terceiro tipo pertence a outra ciência, se não há nenhum princípio comum entre ele e os outros tipos” (Met. XII, 1).

Os dois primeiros gêneros são constituídos exclusivamente pelas substâncias móveis, sensíveis sujeitas à mutação, geração e corrupção. O primeiro gênero é composto pelas substâncias terrestres, como os animais e os vegetais que estão visivelmente ao alcance dos preceitos da geração e da corrupção e são de conhecimento de todos, pois nos são dados a partir da experiência. Assim, não precisa haver prova a seu respeito, embora seja possível sua explicação.

O segundo gênero é formado pelas substâncias sensíveis (móveis) eternas, a exemplo, os corpos celestes que só podem participar de uma forma de movimento, a forma local, não se corrompem, já que não é possível constatar e acompanhar sua corrupção, ou até mesmo o fim de um planeta ou de uma estrela fixa, não é possível também, provar sua geração. Para este tipo de substância não se faz claro, por parte do filósofo, uma necessidade de prova-la, em caráter existencial. No entanto, há muito tempo que já ocorriam estudos sobre os corpos celestes, que segundo os gregos giravam ao redor da terra que seria fixa. Segundo alguns estudiosos, esses estudos foram amplamente abordados por Platão e seus discípulos na Academia.

O terceiro tipo de substância diz respeito às substâncias imóveis, aquelas que são alvo final de nosso estudo. As substâncias imóveis não podem sofrer qualquer tipo de mutação, geração ou corrupção. O desafio é prova-la, nos quesitos existencial, eterno e imóvel, isso porque o adjetivo “imóvel” não é sinônimo de “eterno”, imprimindo a imobilidade em forma de qualificação. Alguns filósofos já discutiram sobre esse tipo de substância, Platão defendia serem as Ideias, para Espeusipo seria os números e, ainda é possível identifica-la nas Ideias-número como fez Xenócrates, mas Aristóteles vai rejeitar qualquer uma dessas possibilidades ao provar sua existência. Para isso, é preciso apontar, através da análise da substância móvel eterna, a necessidade de algo que exerça sobre ela um movimento e que, ao mesmo tempo, possua um movimento circular

eterno, sem necessitar ser movido por nada. Aristóteles o identificará, inicialmente, apenas por Primeiro céu.

Pois as substâncias são as primeiras das coisas existentes e, se elas forem todas corruptíveis, todas as coisas serão corruptíveis. Porém, é impossível que o movimento comesse a ser ou deixe de ser, pois, de qualquer modo, ele deve existir; nem o tempo pode começar a ser ou deixar de ser, pois não haveria um antes e um depois se o tempo não existisse (Met I).

O desenvolvimento de seu modelo astronômico nos apresenta o alicerce da investigação da substância imóvel. Fica claro a sua importância quando tocamos o problema do movimento das substâncias móveis. Com origem no modelo de Eudoxo, Aristóteles o desenvolve para fundamentar sua busca pelas causas e princípios. Para constar, o modelo de Eudoxo buscava explicar que os movimentos, aparentemente, irregulares dos planetas eram resultados de movimentos regulares de suas esferas concêntricas. Seguindo pela influência de tal teoria, Aristóteles afirma que o universo é uma enorme esfera e suas partes concêntricas, são os elementos fundamentais. Ao centro desta esfera, está localizada a terra e a partir dela temos a água, que em união com a terra forma a superfície terrestre. Mais acima está o elemento do ar e na sequência o fogo, esses dois elementos são os responsáveis pelos diversos fenômenos meteorológicos. Esses quatro elementos se movem de forma retilínea na direção de seu lugar natural. As substâncias móveis sensíveis são constituídas destes quatro elementos fundamentais e, assim, sofrem a geração, a corrupção e a mutação. Mas, as substâncias eternas não são geradas, corrompidas ou sofrem, além da mutação local, outro tipo de movimento, desqualificando qualquer um destes quatro elementos como elemento constituinte de tais substâncias, pois, os corpos que são formados por estes elementos estão sujeitos a todas as formas de movimento, inclusive a geração e corrupção. Acima do fogo há uma espécie de cobertura que compreende todo o entorno do universo. Esta área é identificada como local onde se encontram os corpos celestes que estão sempre em movimentos circulares. Os corpos celestes são os planetas errantes, como o sol com órbitas variáveis, e as estrelas fixas, com órbitas posicionadas de forma distante e sempre idêntica entre si. O elemento que constitui esses corpos é o éter. Esse elemento possui a característica de se preservar idêntico, imutável e eterno. O único movimento possível para ele é o local, ocorrendo de forma circular. O éter pode ter como sinônimo

correr sempre, tornando apropriada sua associação com as substâncias móveis eternas, cumprindo todas as exigências, isto é, elemento incorruptível, inalterável, eterno e, até mesmo, perfeito. Em suma, o movimento dos céus e através dele, a mutação de todo o universo, dependem da existência de um motor imóvel, que exerce sobre eles a ação própria de uma causa final.

Na mutação das substâncias devemos identificar aquilo que a coisa é antes de sua geração e aquilo que ela se torna após sua corrupção “os contrários são dois: aquilo que uma coisa é antes de gerar-se ou de corromper-se, e aquilo que se torna após gerar-se e corromper-se; e também nesta há um substrato, do qual é feito aquilo que se gerou e se corrompe”(BERTI, 2011). Essas coisas que estão suscetíveis à geração e corrupção formam um tipo de substrato que é identificado por Aristóteles como “matéria”. Esses dois processos de mutação são contrários entre si e deles extraímos a privação e a forma, onde o substrato ou sujeito passe da privação, ausência de forma, à posse dessa forma. Os princípios do devir da substância sensível são a matéria, a privação e a forma. Visto que, é preciso outro princípio que possibilite ao substrato a passagem da privação à forma, passagem da potência ao ato, ou seja, uma causa eficiente. Toda substância tem seu fim próprio, diferente do fim de cada outra substância, esse fim consiste na realização perfeita de sua própria forma. Essa questão é identificada logo no início de *Met. XII*, em que o filósofo pergunta exatamente se os princípios e as causas são as mesmas ou são diversas para cada coisa. Podemos identificar dois tipos de resposta, sendo a primeira a alegação de que em termos de forma elas são diferentes para cada coisa, isso porque, cada substância sensível sendo suscetível a mudança tem sua própria matéria, forma e causa motora, mas por analogia e, esta será sua segunda resposta, são idênticas para todas as coisas. Cada substância individual possui um princípio e uma causa individual, pois, cada uma tem sua própria matéria e forma, sua causa motora e seu fim também, serão distintos e estas constituídas de suas realidades individuais e concretas. As causas vão se apresentar em formação hierárquica, dentro de cada gênero, para se chegar às causas primeiras que não dependem de outras, mas que são fundamentais para as demais. Em ordem, para cada coisa, haverá uma causa primeira material, uma causa primeira formal, uma causa primeira motora e uma causa primeira final. As substâncias terrestres como os animais, têm como causa primeira material os quatro elementos fundamentais, terra, água, ar e fogo. As substâncias celestes são

constituídas do elemento éter que por não possuir qualquer tipo de alteração como o aumento ou a diminuição e apenas o movimento local, não apresenta nenhum substrato comum aos quatro elementos constituintes dos corpos terrestres e, portanto, não há como apontar qualquer ente que seja causa primeira material comum a todas as coisas, mas, dentro do gênero material, os cinco elementos são identificados como as causas primeiras. Por analogia ou “identidade de relações entre termos diferentes” (BERTI, 2011) de forma proporcional, chegamos a um princípio comum entre as substâncias. Cada substância sensível possui sua própria matéria, sua própria forma e sua própria causa eficiente, diferente das outras substâncias, mas a relação que existe entre essas causas e a relação com a substância a qual ela é sua causa é idêntica em todos os casos. Deste modo, mesmo os princípios não sendo os mesmos para todos, a relação de causalidade que se estabelece é idêntica, possibilitando a identificação, por proporção da relação, de um princípio comum.

As substâncias podem ser identificadas como matéria, como forma ou como o composto de ambos. Como matéria, estaria incompleta sua definição, já que seria apenas o sujeito de predicação e não teria realidade individual e não poderia ser separável. O composto chega a suprir todas as necessidades para se caracterizar uma substância, ele é ente separado e ente determinado. A forma pode estar presente ou ausente na matéria, com as propriedades adicionais de não sofrer geração nem corrupção. Enquanto universal, ela é objeto próprio da definição e assim, de certa maneira define a matéria, ou seja, abrange todo o composto e ainda seria a causa formal deste. A forma é a essência que é expressa pela definição, gênero somado a diferença específica. A causa primeira formal dos seres vivos é, para as plantas, a alma vegetativa, para os animais sem intelecto a alma sensitiva e para os homens a alma intelectiva. A forma é o primeiro entre todos os sentidos em que se diz a substância, princípio que explica o que ela é, essência da substância material, mas a forma não é todo o ser nem toda a substância. O fim para cada substância se faz através da realização perfeita de sua forma, de seu completo desenvolvimento e de sua busca pela conservação de si ao máximo. Essa é a causa final de cada substância, a realização de sua forma e a busca de seu lugar natural. A forma está estreitamente ligada ao ato. Ato determinado, de uma determinada substância, pois nem todas as coisas se expressam na mesma forma de ato. No ato haverá unidade apenas em analogia. Entre as diferentes formas de ato, existe o primeiro, nomeado por

Aristóteles de ato perfeito, não identificado pelo movimento, mas sim pela atividade, exemplificados através do ver e do pensar, pois a única forma de ato, para Aristóteles, que não requer nenhum tipo de movimento é o pensamento, este princípio poderia ser a atividade do pensamento. A atividade do pensamento é vida, e este princípio é vivente, participante de uma vida ótima e eterna. A principal característica dessa forma de ato é exatamente não se modificar em nenhum dos diversos momentos de sua ação. Esse ato é anterior a qualquer forma de potência e identificado à atividade do pensar como a primeira entre todas as ações, chegando à necessidade de o primeiro de todos os entes ser ato puro, pensamento do pensamento.

O fato de à substância figura a condição de realidade para todas as coisas e a causa motora leva Aristóteles a elaborar outro gênero de substância. Dentro das causas primeiras, a necessidade de uma substância imóvel também redimensionará a física do ponto de vista de seu autor que a reduza à “filosofia segunda”, a ciência do particular, deixando à tarefa de ilustrar as causas primeiras de toda a realidade a outra ciência, ou seja, a “filosofia primeira”. Seu caminho se inicia pela definição de mutação, tratado como “o ato daquilo que é em potência enquanto é em potência”. A passagem da potência ao ato determina que aquilo que sofre a mutação, mude sobre a perspectiva daquilo que ela é em potência e não para o que já é em ato. Essa mutação é efetuada através da ação daquilo que já é em ato, mas esta regra se enquadra somente nas mutações não locais, como nas qualitativas, quantitativas ou substanciais. Em relação às mutações locais, como no caso dos corpos celestes, os movimentos se dão segundo a natureza. Em todos os casos, os movimentos são provocados por algo que já está em ato e que se encontra no exterior daquilo que será movido. No caso dos corpos que não possuem vida, o que os moverá será aquilo que lhe é responsável por lhes tirar de seu lugar natural, já para corpos vivos, esse responsável será sua alma. Esses argumentos nos levam a constatação que independentemente dos tipos que corpos que se movem, eles têm necessariamente, que ser movidos por algo que já está em ato, algo diferente dele e que também se move. O que se move pode ser movido de duas formas, ou de forma direta, isto é, pela sua própria relação com a sua causa motora ou, de forma indireta, através de uma sequência de outros motores que também são movidos. Mas, em ambos os casos há a necessidade idêntica de se apontar uma causa primeira do movimento, comum a todas as formas de movimento. Essa causa não pode estar

submetida, ela mesma, ao movimento do qual ela é a causa. Deve ser ato, em relação ao movimento, configurando como uma substância distinta daquilo que se move, ou seja, deve ser imóvel “além da substância móvel, existe também uma substância imóvel” (Met XII 7).

Identificamos, então, um gênero de substância imóvel, que não é nem as ideias, nem as ideias-números, nem o Uno e, muito menos, a Díade como os platônicos defendiam, já que nenhuma dessas opções cumpre os quesitos da substância, dentre eles, subsistir de forma separada da matéria. Esse gênero supriu a necessidade do universo e dos movimentos que nele existem e realiza um movimento circular do céu que, ao rodar sobre si mesmo, impulsiona os movimentos dos corpos celestes e, por sua vez, determina o tempo e a passagem das estações, da geração e da corrupção dos corpos mais suscetíveis a mudança, os corpos terrestres. Esse movimento circular, assim como o universo, é eterno e deve originar-se de uma causa motora primeira. Causa motora primeira, imóvel ao próprio movimento que produz.

O movimento também é contínuo e, portanto, assim como o tempo, pois o tempo ou é a mesma coisa que o movimentou ou é um atributo do movimento. E não há movimento contínuo exceto movimento no espaço e, deste, apenas aquele que é circular é contínuo (Met. XII 2 1071b 9-11).

Esse gênero, em específico, de substâncias são os motores das esferas celestes, o puro ato que gera movimentos eternos e contínuos e, ao mesmo tempo, não estão em movimento. Esse sim é um verdadeiro princípio, causa primeira do ente enquanto ente, aquilo que depende tanto o céu, quanto a natureza, assumindo ser as substâncias que o compõem, as substâncias primeiras. A eternidade do tempo é demonstrada através da alegação de que se houvesse um antes ou um depois do tempo, isto é, se ele começasse a existir, haveria o tempo de qualquer forma, já que o antes e o depois nada mais são do que o tempo. Se o tempo, em algum momento, deixasse de existir, nada mais existiria após esse intervalo e, este próprio intervalo, também não existiria. Se se gerasse, deveria haver um movimento que viria antes do movimento e, ao se corromper, haveria um movimento depois do movimento. A substância imóvel é a causa do movimento eterno, uma potência infinita, mas não é possuidora de grandeza, pois é imaterial. Essa é a causa motora primeira, causa de todos os movimentos, comum e idêntica para todas as

realidades. Contudo, essa causa não possui em si a função das demais causas e nem o fim de todas elas.

Podemos apontar as duas grandes maneiras de se tratar o ser, em potência ou em ato. A potência pode ser dividida em potência passiva, que pode ser definida como aquela capacidade de produzir mutação em outra coisa, será fortemente estudada pela física e, a forma que realmente se enquadra neste estudo, a forma correlativa ao ser em ato. Essa forma representa o exato ser em potência, não podendo se resumir em uma definição já que sua extensão diz respeito a todo ser. Para identificarmos é necessário abordar apenas exemplos particulares e fazer novamente o uso da analogia para chegar ao seu enquadre na totalidade do ser. Mas, não é possível se ater a noção de potência sem antes se familiarizar com a noção de ato, visto que o ato deve ser anterior a potência. O ser, de forma semelhante à noção, não pode existir em potência sem antes ter sido em ato, pois não podem existir substâncias mutáveis se não existir antes os entes em ato, isto é, sua causa motora, imutável. O mesmo caso é observado nas espécies. No tempo, o que acontece é exatamente o oposto, no indivíduo particular, a potência é anterior ao ato.

5. A SUBSTÂNCIA IMÓVEL

5.1 Um princípio comum às substâncias

Em nosso primeiro estudo dos capítulos 2-5 apresentados de forma breve, na primeira parte deste trabalho, buscamos indicar que o princípio da substância imóvel não é comum aos princípios das substâncias sensíveis. Através da análise das substâncias sensíveis, não conseguimos identificar um princípio unificado mediante a divisão das substâncias e as ciências que trabalhariam com suas causas. Tratamos de início cada elemento do texto original com o respaldo da tese que vigorava entre os grandes interpretes até a década de 90, enquadrando as substâncias suprassensíveis (móveis ou imóveis) no campo da ciência determinada como metafísica e as substâncias sensíveis trabalhadas pela ciência da física. Porém, ao nos ambientar com a profundidade do estudo que cerca realmente as substâncias e seus princípios nos deparamos com um grande problema que tem início logo nas divisões das ciências responsáveis pelo estudo das substâncias. Veja, se encararmos a divisão física/metafísica teríamos necessariamente que assumir que todas as substâncias, inclusive a imóvel, pertenceriam ao campo da física. Consequentemente elevaríamos tal ciência ao posto de “filosofia primeira”. Entretanto, se o *Met. XII* contém a teoria que versa sobre a substância, isto é, a ousiologia, temos que esclarecer que não é apenas sobre um tipo de substância, não está contida nele apenas uma teologia (motor imóvel) mas sim o estudo que compreende todas as substâncias: “Este estudo é sobre a essência: procuram-se os princípios e as causas das essências” (*Met. XII*1). Novas vertentes e discussões sobre os princípios das substâncias foram apresentados e trabalhados a partir das interpretações fornecidas por Helen S. Lang (1998) e Michael Frede (1996), faremos a seguir uma pequena análise de dois artigos desses autores.

Segundo os estudos de Helen S. Lang expressos em seu artigo “*The structure and subject of Metaphysics A*” a doutrina do ser vai nos mostrar um princípio único de inclusão entre os tipos de substância. Para sustentar esta afirmação, Lang aponta um trecho do capítulo 10 do *Met. XII* que sustentaria em parte a sua tese: “Todas as coisas estão ordenadas juntas em relação a uma”. O intuito aqui é apontar uma relação

necessária entre as doutrinas do ser enquanto ser e a da substância que figuraria uma via coerente e aceitável para essa unificação. Entretanto, temos também a análise de um grande estudioso das teses de Aristóteles, Michael Frede. Sua teoria apresenta traços que por vezes se assemelham a de Lang, mas há pontos em que se afasta em definitivo desta. Com a afirmação de que *Met. XII* não carrega em si apenas uma teologia, mas também o estudo geral das substâncias, Frede não exclui um princípio comum às substâncias. Todavia, afasta-se de Lang de maneira drástica ao afirmar que este princípio seria a própria substância imóvel. Os capítulos iniciais de *Met. XII* não são interpretados por ele como uma simples introdução para a substância divina, mas são considerados na verdade como partes constituintes de todo o estudo que vigora no restante do livro. Dessa maneira, os capítulos finais trariam mais uma parte fundamental do estudo, e sua importância estaria em nos apontar a substância imóvel como o princípio de todas as substâncias. Concluímos, assim, que o ponto diferencial do estudo de Frede em relação ao de Lang está se centra no aspecto da unidade, isto é, no princípio de unificação dessas substâncias. Abdicaremos da possibilidade de encontrá-lo na doutrina do ser enquanto ser e seguiremos centralizados na afirmação de encontrar tal princípio na própria substância.

5.2 Uma causa unificada

Conhecer os princípios de uma determinada realidade traz ao homem o conhecimento da própria ciência ou episteme que deriva deste princípio, resultando de maneira raramente contestável, no conhecimento da própria coisa em si. O movimento que o filósofo afirma ser parte da individualidade característica de cada substância imprime uma causa e princípio diferentes para cada uma delas, portanto cada uma tem sua matéria e sua forma, além de sua causa motora e seu fim, constituídas por realidades individuais, mas concretas. Para cada coisa há aquelas que são primeiras, ou seja, não dependem de outra, mas outra depende dela. No caso do homem, por exemplo, deve haver uma causa primeira material, formal, motora e final. Desse modo, temos como causa material os quatro elementos fundamentais (água, ar, terra e fogo), configurando corpos simples ou decompostos de corpos compostos.

A necessidade de uma causa primeira comum a toda substância existente, só pode ser articulada mediante uma resolução incontestável e universal, e Aristóteles o faz. Ao apontar analogamente a existência necessária de um primeiro motor imóvel, temos o princípio comum às substâncias. Entre os princípios das substâncias sensíveis podemos identificar uma relação de analogia, já que cada uma delas apresenta sua própria forma, matéria e causa eficiente, distintas das demais. Porém, é possível a relação de causa das diversas substâncias sensíveis é analogamente a mesma. Se a relação causal é a mesma, é possível por analogia, apontarmos uma única causa:

A noção grega de analogia é 'identidade de relações entre termos diferentes', isto é, a noção matemática de proporção: A está para B como C está para D; 2 está para 3 assim como 4 está para 6, onde os números são todos diferentes um do outro: A, B, C e D, ou então 2, 3, 4 e 6; idêntica é a relação que existe entre os primeiros dois e os outros dois. Portanto, identidade de relações – essa é a analogia. Em grego, analogia significa proporção (BERTI, 2011).

Inevitavelmente será dele a dependência de qualquer forma de movimento, desde os céus até as mutações presentes em qualquer parte do universo. Temos aí um motor concebido como a Pura Mente, dotado das ações próprias e características de uma causa final.

Além de um princípio individual, cada substância realiza seu completo desenvolvimento ao atingir e conservar sua própria forma: “Também no âmbito causa final, portanto, não existe causa primeira que funcione como fim comum para todas as coisas, mas cada espécie de substâncias tem o seu próprio fim, que é a realização completa da sua própria perfeição”. (BERTI, 2011).

Em seres corruptíveis essa conservação não pode ser eterna, mas sim em sucessão. A manutenção do ser nesta forma se garante pela manutenção oferecida a cada espécie por meio da reprodução. A realização perfeita de sua forma leva cada substância a seu “lugar natural”. Refere-se inicialmente ao centro do cosmos até alcançar a terra, da terra para a água, da água para o ar, acima do ar encontra-se o fogo e em vários aspectos de elevação, acima de todos o éter. Cada elemento apresenta a forma retilínea e direta de movimento, podendo ser para cima ou para baixo com intuito único de alcançar o seu “lugar natural”.

Visualizando o universo constituído de esferas concêntricas com movimentos circulares, temos por ordem, as mais distantes que vão entrelaçando as estrelas e ou os

planetas. Quando não se entrelaçam a elas, participam de forma a influenciar indiretamente seus movimentos. De maneira mais específica, cada uma das esferas é movida por outra, essa outra ainda por outra, possuidora de um próprio motor. Porém, nem todos aprovavam a tese da eternidade dos corpos celestes. Para Platão, esses corpos se originaram em comunhão com o restante do universo. Já Empédocles afirmava que seriam estes não eternos mas sim, passíveis de perecimento. Diante de toda essa discussão, Aristóteles dedica após apresentar nos capítulos anteriores os princípios das substâncias sensíveis, o capítulo 6 de *Met. XII* a explicação da existência e importância das substâncias eternas e imóveis. “Tendo em vista que as substâncias são três, duas físicas e uma imóvel, a propósito desta última cumpre dizer que existe necessariamente alguma substância eterna imóvel” (*Met. XII 6*).

5.3 Substância eterna e imóvel

Se nos capítulos 2-5 nosso filósofo demonstra a existência das substâncias sensíveis, é preciso que também nos apresente e demonstre a eterna e ainda, a imóvel. Tal apresentação se inicia com a verificação presente neste capítulo mediante o primado da substância, ou seja, a constatação de ser uma substância a única a figurar no lugar de causa primeira de todos os entes. Entretanto, só conseguimos identificar a necessidade da existência desse tipo de substância, a partir da análise que traz a ênfase para a eternidade do movimento e do tempo. Assim, tem que haver uma substância movida de forma circular, necessariamente eterna, visto que seu movimento é eterno. Então, temos a definição dos corpos celestes.

Pois as substâncias são as primeiras das coisas existentes e, se eles forem todas corruptíveis, todas as coisas serão corruptíveis. Porém, é impossível que o movimento comece a ser ou deixe de ser, pois, de qualquer modo, ele deve existir; nem o tempo pode começar a ser ou deixar de ser, pois não poderia haver um antes e um depois se o tempo não existisse (*Met XII 6*)

O aspecto de eternidade atribuído ao movimento traz em si a consequência de identificarmos outro tipo de substância, responsável pelo movimento dessas estrelas como um motor, sempre em ato, “uma substância imóvel eterna” (*Met. XII, 6*).

Esse ato puro determina esse motor. Tal motor que faz mover as demais substâncias é por exigência, imóvel e, também, deve ser incorpóreo ou imaterial.

Para ilustrar esse argumento temos que considerar todo o sistema astronômico da época. Neste sistema observamos a terra como centro do universo, cercada dos corpos celestes em pleno movimento circular cercado ainda, por esferas concêntricas. Os movimentos contidos no sistema em questão, ocorrem de forma organizada e sistemática. Inicia-se com a esfera mais externa que colabora e influencia o movimento daquela que lhe é apresentada de forma mais imediata ou mais próxima. A esfera que sofre a ação da anterior não tem autonomia de movimento para exercer uma ação retrógrada, isto é, não influencia no movimento do corpo celeste que a faz se mover. Forma-se assim, uma série ou sequência de movimentos partidos da esfera mais exterior chegando à mais interior. Essa constituição é eterna exatamente porque seu movimento também é.

Neste tipo de substância podemos identificar o termo “imóvel” como um adjetivo qualitativo deste gênero em específico. Não podemos o ver como mero sinônimo de “eterno”, pois este definitivamente não expressa seu nível de importância. O adjetivo em questão adiciona ao termo “substância eterna” uma distinção definitiva perante as demais, inclusive os próprios corpos celestes, que também recebem em sua definição o caráter de ser eternos. Aristóteles afirma que mesmo sendo reconhecido pelos platônicos, esse gênero de substância deve ser provado em sua forma existencial. Vejamos como o filósofo apresenta em sua teoria a necessidade da existência de uma substância eterna e imóvel.

É no capítulo 6 de *Met.* XII que começamos a entender como figura a divisão exata das substâncias. Em sua articulação inicial, Aristóteles trata imediatamente de apontar a existência de substâncias não corruptíveis. Mesmo de modo não explícito, conseguimos identificar uma possível demonstração que se repete e se evidencia no início do capítulo 7: há, então, algo que é sempre movido com um movimento incessante, que é movido em um círculo: e isso é evidente não apenas em teoria, mas em fato. Portanto, o primeiro céu deve ser eterno (*Met.* XII, 7). Ao tratar da incorruptibilidade da substância, temos a comprovação da existência da eternidade em determinado gênero de substância. Essa teoria teve início ainda no capítulo 5 com a exposição das consequências do processo de corrupção de uma substância, sua degradação e seu final. Assim, devemos ater-nos à possibilidade mais coerente quanto a

uma sequência de geração e corrupção de substâncias, conduzi-nos ao movimento contínuo de uma única substância incorruptível.

Aristóteles afirma-nos que “estas substâncias devem ser sem matéria, visto que devem ser eternas, se, de fato, há alguma outra coisa eterna. Então elas são ato (Met. XII. 6).

Observamos aqui, a primeira vez em que o filósofo afirma a imaterialidade deste tipo de substância. Esse aspecto é derivado não exclusivamente de sua eternidade, mas também da alegação de ser ela ato puro. Evidente é o fundamento para tal afirmação, já que conseguimos identificar a existência de substâncias eternas constituídas de matéria, os corpos celestes. Vejamos a sequência das substâncias que é apresentada partindo daquela realidade que nos é imediata, apenas movida e vulnerável a corrupção, à realidade sensível. Seguida por aquela que além de movida também move, os corpos celestes que constituem os céus, mas há de haver mais uma realidade, aquela que move e não é movida. Esta realidade é eterna em substância e em ato. A principal característica, que na época era atribuída somente aos deuses gregos, se torna primordial na elevação conceitual do motor imóvel.

6. A TEOLOGIA

A teologia era um conceito trabalhado pelos gregos que abarcava dois sentidos distintos. A “teologia mítica” era exercida pelos poetas que se ocupavam do divino. Aristóteles se opunha a esses poetas denominados “teólogos”, “mas não vale a pena indagar com cuidado acerca das elucubrações mitológicas; cumpre, ao contrário, aprender com aqueles que falam por meio de demonstrações” (Met. XII. 4), desenvolvendo seu próprio conceito de teologia, a *teologia racional*, resultado obtido à partir da sua investigação acerca das substâncias. Essa ciência teológica tem como objeto a substância imóvel, aquela à qual constatamos ser o princípio comum a todos os entes. Essa ciência carrega em si esse princípio e, logo, temos a autoridade para descrevê-la como eterna e universal. Ressaltamos aqui que a oposição do filósofo não era referente ao mito em si ou aos poetas, seu afastamento era daqueles que emitiam um juízo falso sobre o divino através de seus poemas. Não cabe aqui um questionamento sobre como Aristóteles se posicionava mediante as tradições populares que eram repassadas por meio dos mitos teológicos. Cumpre apenas dizer que em parte era tratado com aspecto positivo e em outra, negativo, ilustremos tal afirmação com uma passagem da *Met. XII*:

Da parte dos antigos e dos muito antigos, foram transmitidas coisas à posteridade em forma de mito, isto é, que estes [os céus ou os astros] são deuses e que o divino abarca toda a natureza. As outras coisas foram acrescentadas de modo mítico para persuadiras pessoas e para serem usadas em relação às leis a à utilidade [comum]. Eles dizem, com efeito, que os deuses têm aspecto humano e que são semelhantes a alguns dos outros animais, e outras coisas que se seguem ou são semelhantes às que foram ditas. Mas se de tudo isso alguém, depois de separar, tomasse apenas a primeira parte, isto é, que eles [os antigos] pensavam que as substâncias primeiras são deuses, eles devem ser vistos como tendo falado de modo divino (Met. XII. 8).

A passagem acima revela uma grande consideração do filósofo pela religião grega. Veja, é evidente nossa afirmação e a endossamos mediante citação de um pequeno trecho do seu famoso testamento:

A estátua da nossa mãe, seja dedicada a Deméter em Nemeia ou onde parecer melhor [...] e Nicanor [seu genro], caso retorne incólume [da expedição

contra a Pérsia], cumpra o voto que fiz por ele, dedicando em Estagira a Deus salvador e Atena salvadora estátuas de pedra de quatro cúbitos de altura (LAÉRCIO).

Essas observações iniciais quanto à inclinação religiosa de Aristóteles, se configuram como vias de acesso para problemas que enfrentaremos adiante. Questionamentos como a definição “divina” do motor imóvel e o elemento que o constitui e ainda a dúvida quanto o número exato de exemplares deste tipo de substância ilustrarão as próximas páginas do nosso estudo e encontrarão o respaldo indispensável da teologia racional aristotélica.

6.1 A divindade como atribuição

O conceito de divindade é empregado pelo filósofo em três gêneros de entes:

1. Os corpos celestes, os céus e o elemento que constitui sua matéria, o éter;
2. A natureza e seu conjunto de partes mais elevadas, ou seja, o homem e seu intelecto;
3. Os motores imóveis, causa primeira das substâncias.

A divindade atribuída aos corpos celestes não é de autoria do nosso filósofo. Ela vigorava como a astronomia trabalhada inclusive, por Platão. Estes corpos se fazem aptos a receber esta qualidade por serem vivos e carregarem em si uma forma de movimento, além de apresentarem a eternidade impressa em seu fundamento. Dessa maneira, são incorruptíveis. O movimento que é exercido por esse tipo de substância a faz possuidora de alma. Aqui está o meio ao qual elas conhecem e desejam seus próprios motores, ou seja, essa é a relação estabelecida entre um corpo celeste e seu motor imóvel. O movimento determinado como circular surge do desejo em imitar aquele que lhe parece mais semelhante, aquele que a move, o desejo de ser imóvel (que não comporta mudança de lugar) (De Caelo II. 12).

No entanto, o adjetivo “divino” é trabalhado por Aristóteles em diversos graus, e não seriam os astros aqueles que possuem o maior grau dessa definição. Considerando a religião politeísta, Aristóteles desenvolve uma separação das diversas realidades mediante a atribuição de divindade que lhes são cabíveis. Ao analisarmos a divisão

proposta pelo filósofo, podemos afirmar que os corpos celestes possuem um menor grau deste qualitativo, já que se subordinam perante o movimento do motor imóvel. Temos ainda, a natureza, o homem e o intelecto, representando a segunda parte da divisão. A esse grupo a divindade é fixada através de tudo que é vivo. Essa afirmação se desencobre em uma pequena passagem do *De Anima*, na qual lemos “Todas as espécies vivas, em alguma medida, participam também do divino, tornando-se eternas por meio da reprodução” (De Anima II. 4. 415a 26b 2). No homem, conseguimos identificar o que lhe transparece como o ponto mais divino, seu intelecto. Este é o aspecto principal que confere ao homem a participação na divindade, o intelecto propicia ao homem o quanto for possível, participação na imortalidade (Ética à Nicômaco X. 7).

Por fim, chegamos a única parte da divisão apresentada que recebe o título máximo de divina por excelência, as substâncias imóveis. Identificadas após o capítulo 6 de *Met. XII* como os motores imóveis dos céus. Essa substância passa a figurar como um gênero que deve cumprir exigências já estabelecidas pelos gregos perante a astronomia. Se o movimento dos corpos celestes é eterno e ininterrupto, ele só pode ser influenciado por um motor que esteja absolutamente em ato. Essa obrigatoriedade se apresenta através do movimento em si. Este motor deve estar sempre em ato, visto que se isso não ocorresse, seu movimento poderia, em algum momento, cessar. Essa inconsistência do movimento excluiria dois aspectos fundamentais ao papel que exerce esse tipo de substância, a imaterialidade e a imobilidade. Não pode haver uma substância imóvel material porque essa diferença a faz ser corruptível. Entretanto, a atividade imaterial apontada em *Met. XII 7* só pode ser o pensamento: “é o pensamento que é princípio” (Met XII 7).

O pensamento vai ser identificado por Aristóteles por se encaixar em todas os pressupostos necessários à atividade exercida pelo motor. Atividade imaterial de uma forma viva, eterna visto que sua substância constituinte é eterna. Ela ainda é feliz, porque estando sempre em ato é completa, ou seja, nada falta a essa substância. No mais, estes mesmos pressupostos se encaixam no conceito de divindade, concluindo, portanto, ser um deus (Met. XII 7). O motor imóvel é compreendido assim, enquanto pensante, enquanto querente e enquanto feliz. Concluimos então, que o motor imóvel deve ser identificado como um gênero superior de substância, onde seus atributos o classificam como participante do movimento, do desejo e da felicidade que era, até esse

momento, atribuída somente aos deuses. Esse motor é divino, pois realiza através de seu movimento tudo aquilo que também é divino.

Na questão do movimento conseguimos identificar mais um problema, quantos seriam esses motores? Vejamos que uma análise dos capítulos 7 e 8 será necessária para respaldar nossa resposta. Constatado que o movimento proveniente do motor imóvel se origina dele mesmo, torna-o objeto de desejo, movendo e se conservando perfeitamente imóvel. Cada esfera dotada de movimento eterno é movida por seu motor, movida pelo desejo que sente por ele. Se há este desejo, há o conhecimento do motor, isto é, conhecimento mediado por sua alma que o faz querer imitar a sua imobilidade, resultando em movimentos de rotação em si mesmo. Seria absolutamente necessário, então, um número de motor idêntico ao de esferas:

De fato, a natureza dos astros é eterna, sendo uma essência, e o que os move é eterno e anterior ao que é movido, e necessariamente, é essência aquilo que é anterior a uma essência. Assim, evidentemente, é necessário que exista a mesma quantidade de essências eternas em sua natureza e, em si mesmas, não-suscetíveis de movimento e desprovidas de grandeza, pela causa antes mencionada. (Met. XII 8).

Segundo os estudos astronômicos da época, seriam esses astros em número de 47, segundo Eudoxo, ou de 55, segundo Calipo⁴. Essa preocupação de Aristóteles tem fundamento em buscar uma teoria que se amparasse no sistema astronômico fortemente respeitado por ele:

É evidente, portanto, que são essências, e que, entre elas, há uma que é primeira, outra, segunda, de acordo com a mesma ordenação das locomoções dos astros. Já o número dessas locomoções, é preciso examiná-lo pela ciência que, entre as matemáticas, é a mais apropriada à filosofia, isto é, a astronomia. De fato, é esta ciência que compreende seu estudo sobre essências que, embora sensíveis, são eternas, ao passo que as demais ciências matemáticas, isto é, a ciência dos números e a geometria, não estudam ciência alguma (Met. XII 8).

Contudo, o filósofo figura no capítulo 8 a possibilidade de haver apenas um motor, levando alguns estudiosos a apontar uma possível dúvida de Aristóteles quanto a sua própria religião. O número de motores figuraria o impasse entre o politeísmo típico da época e uma inclinação filosófica ao monoteísmo:

⁴ Discípulo de Aristóteles. Seu cálculo se apresenta mais atualizado, pois considera os 47 astros mais uma margem para evitar acidentes entre eles.

Que o céu é um só, é evidente. De fato, se os céus fossem muitos, como os homens, o princípio de cada um seria um pela forma, mas, numericamente, seriam muitos. Mas tudo que é numericamente múltiplo possui matéria (de fato, há uma única e mesma definição para as coisas múltiplas, por exemplo, para ser humano, mas Sócrates é um só); no entanto, o que é primeiramente aquilo que o ser é não possui matéria, pois é efetividade. Portanto, o primeiro motor, sendo não-suscetível de movimento, é um só em definição e em número; também o é, portanto, aquilo que se move sempre continuamente: portanto, o céu é um só (Met. XII 8).

As esferas celestes são múltiplas, mas seu princípio pode ser um. Este princípio suporta em si, através de seu movimento, todas as outras, ora, já definimos neste texto o princípio unificado das substâncias e não conseguimos apontar argumentos suficientes para negar a religião do filósofo. O motor se encontra na extremidade e sua imaterialidade o faz exemplar único em sua espécie, pois somente a matéria traz a multiplicidade de exemplares dentro de uma mesma espécie. A característica de unicidade compõe a unidade presente no universo (Met. XII 8). O motor imóvel é indivíduo único e dessa forma, acompanhamos a demonstração da existência deste tipo de substância.

Após concluir o processo de demonstração da substância eterna imóvel, Aristóteles apresenta o motor como pensamento do pensamento. O motor deve pensar a si mesmo, visto que, ao ser considerado o primeiro entre todos os entes, ele não pode apresentar qualquer relação de dependência de nenhuma outra substância. Autônomo, então, não pode pensar nada além de si mesmo. Essa definição não elimina por completo a possibilidade de o motor pensar outras realidades, porém essas realidades devem exercer o movimento de dependência deste motor e nunca, o oposto. O motor ocupando o primeiro entre todos, passa a ser causa de tudo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos neste trabalho o caminho percorrido por Aristóteles para desenvolver seu estudo acerca das substâncias. A divisão apresentada pelo filósofo parece em parte completa, por um lado, mas problemática, por outro. Dessa forma, a exposição do conteúdo do *Met. XII* parece conter uma doutrina juvenil, anterior a grandes obras como a própria *Física* que figura um dos grandes pontos de problema no apontamento de um princípio unificado as substâncias. Encaramos esses detalhes voltados para a posição que trabalha com *Met. XII* de forma independente a todo tratado metafísico. Buscamos explorar todo o livro e apresentar as suas principais teses, as consequências enfrentadas por Aristóteles e a nova tradição de estudos aristotélicos.

Começamos com os principais aspectos que cercam as substâncias sensíveis, trabalhados nos capítulos 1 ao 5 de *Met. XII*. Identificamos os principais conceitos dessa divisão de substâncias. No primeiro capítulo Aristóteles já afirma qual o intuito do trabalho: “Busquemos os princípios das substâncias” (*Met. XII* 1). Então, dedicamo-nos a dividir essas substâncias para apontar o respectivo princípio de casa uma delas. Assim, são definidos três gêneros de substâncias: As móveis e corruptíveis (Corpos terrestres como as plantas e os animais), as móveis e eternas, não corruptíveis visto que não acompanhamos sua geração e corrupção (os corpos celestes: sol, lua, estrelas e astros) que são dotados de movimento já que o sistema astronômico que vigorou até o século XIX afirmava ser a terra o centro imóvel do universo. Por fim, as substâncias eternas e imóveis, dentre as quais alguns as tomam como as Ideias, outros como os Números, além de outros adotarem a opção de serem Ideias-números.

O *Met. XII* da *Metafísica* representa a ciência que é composta pelos três tipos de substâncias. Considerado como o tratado de teologia do filósofo, *Met. XII* foi trabalhado por muito tempo como aquele que contém apenas o estudo da substância imóvel e, assim, os capítulos iniciais seriam introdutórios a este estudo. Entretanto, apresentamos argumentos suficientes para o encarmos como um estudo sobre os três tipos de substância e consideramos serem os capítulos iniciais parte integrante de uma ciência que trata de todos os gêneros de substâncias. As substâncias sensíveis apresentam uma característica importante que fazem parte de sua definição, seu movimento. Além do

conceito de substrato, matéria, privação e forma, é observado a introdução da causa eficiente como princípio possível para esse gênero de substâncias.

Problemas quanto à autenticidade *Met. XII* e seu posicionamento dentro da obra *Metafísica* foram abordados e tratados com o novo olhar, com destaque apresentado para o *Symposium Aristotelicum*, em Oxford, dedicado ao livro em questão. Suas conclusões foram encabeçadas por grandes nomes como Michael Frede e David Charles e publicados no ano de 2000 (BERTI, 2011). Houve então, unanimidade em declarar *Met. XII* como independente porém, autêntico. Esse livro figura o tratado juvenil, anterior aos demais livros da *Metafísica*, chamado por Jaeger de *Urmetaphysik* (BERTI, 2011). Essas questões carregam em si um caráter histórico e se fazem importante para apontamentos trabalhados em toda a nossa pesquisa.

Met. XII traz o tratado que Aristóteles fez sobre os três gêneros de substância. A substância imóvel recebe sim um tratamento especial por parte do filósofo, não por ele a considerar foco de todo estudo, mas por sua importância como princípio dos demais gêneros. Mostramos neste trabalho, como fora atribuída um caráter de divindade. Temos então, uma teologia natural, filosófica e não dogmática como queriam os medievalistas. Os adjetivos que compõe essa substância “eterna” e “imóvel”, trazem os requisitos necessários para apontá-la como possível princípio de todas as outras substâncias. Esse princípio exerce um papel de unidade entre elas e está nova interpretação gera novas perspectivas em vista da teologia racional do nosso filósofo. Trabalhamos ainda, a dúvida entre o número de exemplares desse tipo de substância que levou alguns especialistas a levantar dúvidas em relação a posição religiosa de Aristóteles.

A principal característica que atribui à substância a classificação de divina é a sua imobilidade. A existência de um movimento eterno impossibilita que ele se gere ou se corrompa, já que sempre existiu. Vejamos, não podemos afirmar que um movimento passe a existir de algo que anteriormente não existia. Essa ação pode ser encontrada em tipos de substâncias sensíveis e a classificamos como mutação. Esse motor move sem ser movido; é ainda eterno, visto que não possui matéria. Desse modo, o movimento e o tempo para Aristóteles perpassam pelos mesmos argumentos:

Com efeito, se se gerasse, pressuporia já um movimento antes do movimento, e se se corrompesse, implicaria um movimento após o movimento. Pode-se fazer o mesmo discurso para o tempo: para Aristóteles, também o tempo é eterno, pois, se se admitisse o início do tempo, dever-se-ia admitir que

houvesse um ‘antes’ desse início, no qual o tempo ainda não havia, mas já ao dizer um ‘antes’ admite-se um tempo; e analogamente, se se admite que o movimento cesse, deve-se admitir um ‘depois’ no qual o tempo não existe mais, mas esse ‘depois’ é ainda ele tempo. Portanto, para Aristóteles, tanto o movimento quanto o tempo são eternos, sempre existiram e sempre existirão (BERTI, 2011).

O movimento eterno é o movimento do céu. Os corpos celestes articulam esse movimento originado da esfera mais externa. Cada esfera se movimenta em círculos impulsionada por aquela que está mais próxima e, assim, sucessivamente. Identificamos a primeira como o motor imóvel. Esse motor é responsável por todo o movimento. O tipo de substância que compões esse motor se define como imóvel, eterna e imaterial. Encontramos então a substância divina. Princípio supremo e causa de tudo, essa substância é ela própria sujeito universal. Substância imaterial viva, cuja ação compreende o pensar e o amar. Pensa a si mesmo e ama a si mesmo da melhor maneira possível. O pensamento é determinado como a mais alta forma de vida. O motor ao conhecer a causa de tudo, conhece a si mesmo, ou melhor, conhece em si mesmo e “deste princípio dependem o céu e a natureza” (Met. XII 7). Esse motor possui a ciência das causas primeiras “sozinho ou em grau máximo” (Met. I).

O movimento influenciado pelo motor se dá na forma de amor. Cada esfera o ama e tenta imitar seu movimento. Por ser imóvel, a ação dos astros se define como cíclica, já que é a forma de móvito mais semelhante a imobilidade do motor. Os corpos celestes recebem em certa medida também este atributo, mas em grau inferior àquele que é atribuído ao motor. Do motor dependem a natureza, os astros e todos os demais entes, mediante o movimento e o próprio ser, inclusive o homem que o assume como objeto de contemplação, imitação e participação (Ética à Nicomâco. X 9 1179a 26). A qualificação de motor como divino vem por excelência, pois apresenta em maior grau as características fundamentais que o fazem divino. Aristóteles demonstra a existência da substância imóvel ao esclarecer a natureza desse motor de modo filosófico plenamente amparado pela experiência através da razão.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Revue Philosophique de Louvain*. Troisième série, tome 56, n°50, EDITORA: CIDADE, 1958.

_____. *A Política* – tradução Nestor Silveira Chaves. 2 ed. Editora Edipro: Bauru SP, 2009.

_____. *De Caelo* – tradução John Leofric Stocks. Oxford the claredon press: Oxford 1922.

_____. *Ética à Nicômaco*. Tradução Torrieri Guimarães. Editora Martin Claret: São Paulo SP, 2009.

_____. *De Anima*. Tradução Maria Cacília Gomes dos Reis. Editora 34: São Paulo SP, 2006.

_____. *Metafísica*. Tradução de Lucas Angioni. IFCH Unicamp: Campinas, 2003.

_____. *Revue Philosophique de Louvain*. Troisième série, tome 56, n°50, 1958. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/phlou_0035-3841_1958_num_56_50_4955>. Acesso em: 10/11/2018.

BERTI, Enrico. *Novos estudos Aristotélicos*. Vol. 2. Editora Loyola São Paulo SP, 2011.

_____. *Estrutura e significado da metafísica de Aristóteles*. Editora Paulus. São Paulo SP, 2011.

_____. *Perfil de Aristóteles*. Editora Paulus. São Paulo SP, 2012.

CHARLES, David. FREIDE, Michael. *Aristotle's Metaphysics Lambda: symposium aristotelicum*. Oxford, 1996.

LAERCIO, Diógenes. *Vidas e Doutrinas dos filósofos ilustres*. Editora UNB. Brasília DF. 1996.

LANG, Helen. S. The Structure and subject of Metaphysics. In: *The order of Nature in Aristotle's Physics: place and the elements*. Cambridge University Press, 1998.

MERLAN, Philip. *Sobre a Metafísica de Aristóteles*. Org. Marco Zingano. Editora Odysseus São Paulo, 2005.

ZINGANO, Marco. *Sobre a Metafísica*. 1 ed. Editora Odysseus São Paulo SP, 2005.

ANEXO:

PLANO DE CURSO PARA O ENSINO MÉDIO

1. INTRODUÇÃO

Este plano tem como objetivo trabalhar com os alunos do ensino médio as questões que envolvem a filosofia antiga. Este conteúdo está devidamente identificado no Conteúdo Básico Curricular do Estado de Minas Gerais.

O plano de curso será trabalhado mediante os seguintes pensadores:

- Os pré-socráticos;
- Sócrates;
- Platão;
- Aristóteles.

Tentaremos compreender o início da história da filosofia através do estudo dos principais aspectos trabalhados por esses filósofos.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA DO CURSO

Dividindo o conteúdo em quatro bimestres, trabalharemos um tópico apresentado por bimestre. Além do conteúdo do livro didático, tentaremos trazer ainda, o pensamento do próprio filósofo. Essa metodologia traz um fundamento conceitual mais completo e proporciona ao jovem, uma análise mais estrutural dos conteúdos apresentados. Contamos com uma aula por semana, assim, não haverá tempo para lermos integralmente os textos dos autores trabalhados ou propor vários tipos de metodologia entretanto, serão apresentados fragmentos decisivos para a compreensão deles em aulas expositivas com a participação ativa da turma. Debates, discussões e novas propostas podem ser incluídas no plano desenvolvido.

SEMANAS 1, 2, 3, 4, 5 E 6.

O nascimento da filosofia grega e os filósofos pré-socráticos.

Aula 1: A Pólis e a Filosofia. A filosofia na Grécia entre os séculos VII e VI a.C. caracterizada pela transformação do pensamento mítico ao racional. A Pólis e seus debates públicos.

Aula 2: Mitologia Grega. A mitologia grega com seus deuses, heróis e semideuses

Aula 3: Tales, Anaxíandro e Anaxímenes. Os primeiros filósofos gregos e suas reflexões desenvolvidas desde Tales de Mileto e a busca de um princípio racional identificado na água, passando por Anaxíandro e a possibilidade desse princípio ser aquilo que transcende os limites observáveis e estaria longe da sensibilidade, ou seja, ápeiron, o indeterminado. Anaxímenes e a identificação do ar como elemento fundamental. Ainda, Pitágoras estudioso matemático, apresentou a tese de todas as coisas seriam compostas por números.

Aula 4: Pitágoras, Heráclito e Parmênêdis. Entrega do trabalho. . Por fim, o grupo composto pelos pensadores Heráclito, Parmênêdis.

Aula 5: Zenão, Empédocles e Demócrito.

Aula 6: Avaliação bimestral

Seguindo o plano, devem ser aplicadas duas avaliações. Um trabalho a ser entregue pelo aluno no meio do bimestre e uma prova com questões dissertativas e múltipla escolha, no fim do bimestre aplicada em sala de aula.

Bibliografia a ser utilizada:

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega volume I*. Petrópolis RJ. Vozes, 1989.

CHAUI, Marilena. *Introdução à história da filosofia* vol. 1. São Paulo SP. Cia das Letras, 2011.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos de filosofia*. São Paulo SP. Editora Saraiva, 2010.

SEMANAS 7, 8, 9, 10, 11 e 12

Sócrates

Aula 1: Atenas e o nascimento da democracia. O que implica a democracia antiga. O que é a democracia atual? Quais são as semelhanças e as diferenças entre estes conceitos.

Aula 2: Debate em sala sobre a democracia antiga e a democracia atual.

Aula 3: Os sofistas (Protágoras e Górgias). Apresentação dos sofistas e a arte de ensinar. Caricaturistas e métodos utilizados pelos principais pensadores dessa linha, Protágoras e Górgias. Fundadores da pedagogia democrática tinham domínio da arte da educação do cidadão. Diferença entre arte e ciência.

Aula 4: Sócrates. Sócrates e o elogio à filosofia. Os principais aspectos da filosofia socrática até os fatos que levaram a seu julgamento e sua morte. “Conhece-te a ti mesmo” e “Sei que nada sei” figuram como questões centrais para a filosofia. Diferente dos sofistas, Sócrates não se apresenta como professor, ele pergunta, não responde, ele indaga e o faz se indagar. Separação entre opinião e verdade e como chegar a unidade da ideia, excluindo a multiplicidade de opiniões e sensações.

Aula 5: Avaliação bimestral

Aula 6: Recuperação.

O debate proposto para a segunda semana do bimestre contará com a nota da primeira avaliação. A segunda avaliação será aplicada na última semana do bimestre com questões de múltipla escolha e uma dissertativa.

Bibliografia a ser utilizada:

CHAUI, Marilena. *Introdução à história da filosofia* vol. 1. São Paulo SP. Cia das Letras, 2011.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos de filosofia*. São Paulo SP. Editora Saraiva, 2010.

SEMANAS 12, 13, 14, 15, 16, 17 e 18

Platão

Aula 1: Apresentação da vida e obra. Apresentação vida e obra. As principais linhas do pensamento platônico. A Academia e os principais diálogos.

Aula 2: A República é o mais extenso dos diálogos escritos por Platão. Nela contem seu trabalho sobre a justiça, política, coragem e temperança. Além de outras teses centrais de sua filosofia. Por isso, figura seu mais importante diálogo.

Aula 3: O mito da caverna presente no *Livro VII* da *República*, apresenta conceitos paradidáticos e ao mesmo tempo, alegórico da teoria das formas.

Aula 4: A teoria das ideias e o conceito fundamental constituinte da realidade. O mundo sensível e o mundo das ideias.

Aula 5: A imortalidade da alma. Traremos trechos do diálogo *Fédon* para ilustrar o tema. Sócrates e a sua afirmação da imortalidade da alma com o espírito tranquilo e a ausência de medo da morte. As demonstrações apresentadas no texto serão acompanhadas.

Aula 6: Prova bimestral

Aula 7: Fechamento de conteúdo

Contaremos com duas avaliações que serão um prova múltipla escolha ao fim da primeira parte do semestre e uma dissertação à partir de um trecho de Platão, como avaliação bimestral.

Bibliografia a ser utilizada:

CHAUI, Marilena. *Introdução à história da filosofia* vol. 1. São Paulo SP. Cia das Letras, 2011.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos de filosofia*. São Paulo SP. Editora Saraiva, 2010.

MASCHIO, E. A. Dal. *Platão, a verdade está em outro lugar*. São Paulo SP. Salvat, 2015.

PLATÃO. *Os Pensadores*. São Paulo SP. Abril Cultural, 1973.

SEMANA 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26 e 27

Aristóteles

Aula 1: Apresentação vida e obra.

Aula 2: Principais objeções a Platão. Foco especial na oposição a teoria platônica das ideias, já que abordamos esse tema anteriormente. Para tal, usaremos o capítulo 9 do *Livro I da Metafísica* de Aristóteles.

Aula 3: A física responsável por estudar os seres que possuem as causas e princípios dos seus próprios movimentos. Apresentaremos ainda, as quatro causas.

Aula 4: A ética como ciência prática onde identificaremos no homem o ser que age em vista de um fim ou uma finalidade. A ação humana, virtude, a paixão, a prudência e a felicidade.

Aula 5: A política. A política de Aristóteles e a transformação do conceito ao longo dos séculos.

Aula 6: Apresentação de trabalhos feitos pela turma

Aula 7: Ética e política. A teoria e a prática. A ética apontada como parte constituinte e fundamental para o exercício da política.

Aula 8: Avaliação bimestral

Aula 9: Recuperação bimestral.

Os alunos devem escolher entre as sugestões de temas e apresentar uma rápida análise. Esse trabalho em grupo representa a primeira avaliação. A segunda, bimestral, será de múltipla escolha.

Bibliografia a ser utilizada:

ARISTÓTELES. *Ética à Nicômaco*. São Paulo SP. Martin Claret, 2009.

_____. *A Política*. Bauru SP. Edipro, 2009.

CHAUI, Marilena. *Introdução à história da filosofia 1*. São Paulo SP. Cia das Letras, 2011.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos de filosofia*. São Paulo SP. Editora Saraiva, 2010.

SEMANAS 28, 29, 30 e 31.

AVALIAÇÕES FINAIS E RECUPERAÇÃO

Essas semanas são destinadas as atividades finais ou ainda, a possíveis imprevistos e não cumprimento de alguma atividade descrita no plano. A recuperação consiste em aulas de reforço abordando os assuntos em que os alunos apresentaram maior defasagem. As avaliações remeteriam a esse período de recuperação somado as avaliações finais. Por critério, tem direito a ao recurso de recuperação, o aluno que não alcançar a nota mínima satisfatória de 60 (sessenta) ao findar do ano letivo. Possibilidades de outros formatos avaliativos serão estudados podendo ser inseridos nos processos avaliativos.

Bibliografia a ser utilizada:

ARISTÓTELES. *Ética à Nicômaco*. São Paulo SP. Martin Claret, 2009.

_____. *A Política*. 2009. Bauru SP. Edipro, 2009.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega volume I*. Petrópolis RJ. Vozes, 1989.

CHAUI, Marilena. *Iniciação à filosofia*. Volume único. São Paulo SP. Editora Ática, 2012.

_____. *Introdução à história da filosofia 1*. Dos Pré-Socráticos a Aristóteles. São Paulo SP. Cia das Letras, 1994.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES, Mirna. *Fundamentos de filosofia*. Volume único. São Paulo SP Editora Saraiva, 2010.

MASCHIO, E. A. Dal. *Platão, a verdade está em outro lugar*. São Paulo SP. Editora Salvat, 2015.

PLATÃO. Coleção *Os Pensadores*. São Paulo SP. Editora Abril Cultural, 1973.